**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR VALE DO JURUENA - AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO ESCOLAR**

9,0

**O ENSINO APRENDIZAGEM DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL E A
GESTÃO ESCOLAR**

NOEME BRITO SANTANA

ORIENTADOR: ILSO FERNANDES DO CARMO

COLORADO DO OESTE/2007

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR VALE DO JURUENA - AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO ESCOLAR**

**O ENSINO APRENDIZAGEM DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL E A
GESTÃO ESCOLAR**

NOEME BRITO SANTANA

Orientador: ILSO FERNANDES DO CARMO

“Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Especialização em Gestão Supervisão e Orientação Escolar”

B

COLORADO DO OESTE/2007

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR VALE DO JURUENA - AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO ESCOLAR**

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR

*Semeia um pensamento e colherás um desejo;
semeia um desejo e colherás a ação; semeia a ação
e colherás um hábito; semeia o hábito e colherás o
caráter.*

(Tihamer Toth)

A Deus, por me dar saúde e inteligência e força de vontade para aprender sempre. Ao meu amado esposo, pelo incentivo nas horas difíceis e à meus filhos pelos momentos de privação que a fiz passar.

*A todas as pessoas que contribuíram para o meu
crescimento intelectual: professores e colegas de turma.
À meu orientador, aos professores que contribuíram para
a realização da pesquisa e à minha família.*

*“Dos diversos instrumentos do homem, o mais
assombroso é sem dúvida o livro.
Os outros são extensões de seu corpo, o microscópio, o
telescópio são extensões da vista; o telefone é extensão
da voz; temos o arado que é extensão do braço.
Mas o livro é outra coisa: é uma extensão da memória e
da imaginação.”*

JORGE LUIZ BORGES

RESUMO

Antigamente a leitura nas séries iniciais era vista como um ato mecânico de decodificação de signos lingüísticos, o que implica uma visão descontextualizada da palavra. Hoje percebe-se que as novas posturas educacionais vieram romper com esse modelo tradicional ao entenderem que o aluno ao chegar à escola, já traz consigo uma leitura de mundo. Esse saber, sobretudo não pode ser ignorado, pois, é a partir dele que as crianças demonstram tudo o que sabem sobre a leitura convencional, permitindo o professor diagnosticar em que nível de aprendizagem os alunos se encontram e ainda planejar as atividades de leitura a partir do que os alunos já sabem, respeitando cada etapa e nível de desenvolvimento. O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola. Os fatores decisivos nesse processo são: fatores sociais, fator familiar, fator ambiente-emocional, fator econômico-cultural e o fator pedagógico, ambos tendo como eixo de ligação o prazer e a satisfação proporcionados pela leitura, levando em conta as várias possibilidades, necessidade e o encorajamento de toda e qualquer motivação que a criança receba para ler. A maneira como o indivíduo é orientado através de pais, amigos e professores, contribui imensamente para uma atitude positiva em relação à leitura. É cada vez mais necessário que pais e professores contem histórias e leiam diversos tipos de textos para as crianças, permitindo a compreensão do que lêem para poderem conviver dignamente na sociedade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I.....	12
1- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA.....	12
1.1- Conceito De Leitura.....	15
1.2 Estágios Da Leitura.....	16
1.3 Tipos De Leitura.....	17
1.3.1 Leitura Silenciosa e em Voz Alta.....	19
1.3.2-LEITURA EM VOZ ALTA.....	19
CAPÍTULO II.....	22
2-DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DA LEITURA.....	22
2.1- Fatores Que Exercem Influência Sobre o interesse pela Leitura.....	24
CAPITULO III.....	30
COMO DESENVOLVER O HÁBITO E A PAIXÃO PELA LEITURA.....	30
3.1 Ler é Compreender Além dos Textos Escritos, mas sim o Mundo que o Cerca.....	32
3.2 Estratégias de leitura.....	33
3.3 Ler ou aprender a ler.....	34

CAPÍTULO IV	36
4- GESTÃO ESCOLAR E A ALFABETIZAÇÃO NA BUSCA DA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO.

A formação dos indivíduos, geralmente, se dá através de situações de interação dele com o ambiente em que vive. Sua cultura e suas relações sociais são, segundo uma visão histórico cultural, elementos marcantes e imprescindíveis para a constituição de símbolos dotados de significação e sentido. Assim, esse processo se torna essencial para o processo de formação do pensamento.

É nesse contexto de construção de significados e sistemas simbólicos que se encaixam a leitura e a escrita. Esses elementos constituintes e formadores da cultura estão presentes na sociedade de forma massiva. Faz produzir sentidos e participam, de uma maneira ou de outra, da experiência de vida dos indivíduos. As relações sociais são permeadas pela leitura como elemento constitutivo do discurso. Além disso, a leitura e a escrita apresentam funções sociais (comunicação, registro histórico, transmissão de cultura, etc.) com as quais os indivíduos que vivem na sociedade atual se envolvem.

"A leitura é, certamente, uma atividade humana. E como atividade especificamente humana, ela constitui um trabalho simbólico".(SMOLKA, 1989:58).

O trabalho foi dividido em quatro capítulos, onde o primeiro, trata de algumas considerações sobre leitura, onde a leitura é um processo contínuo de aprendizagem e auxilia na formação do indivíduo pensante.

Dentro do segundo capítulo, abordaremos as dificuldades de leitura, as práticas de leitura onde devem priorizar um trabalho com textos que atendam não só

à interlocução, mas, sobretudo possibilitem ao aluno o desenvolvimento de capacidades necessárias à compreensão e produção de textos orais e escritos, que se caracterizam pelo uso público da linguagem, e assegurando-lhes uma aprendizagem de procedimentos apropriados aos diferentes contextos de fala e de escuta para o exercício pleno da cidadania.

Já no terceiro capítulo trata-se como desenvolver o hábito e gosto pela leitura, para desenvolver uma boa leitura é necessário criar um ambiente favorável à decodificação de sinais gráficos e a interpretação da leitura. Isto leva a crer que temos que ler, mas de uma forma bastante crítica, fazendo ligação entre teoria e prática, para se entender melhor aquilo que é decodificado. Para compreender um texto, o leitor utiliza diferentes conhecimentos que já tem, sua experiência de vida, as informações que tem sobre o estilo do texto, sua finalidade, a linguagem utilizada.

No quarto capítulo aborda Gestão escolar e a alfabetização na busca da construção da cidadania, onde podemos observar a importância da leitura em nossas vidas e como o trabalho do gestor auxilia no processo de conhecimento.

CAPITULO I

1- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA

A leitura é um processo contínuo de aprendizagem e auxilia na formação do indivíduo pensante, crítico, uma vez que suscita a reflexão e conseqüentemente uma maturação cognitiva no que se refere ao conhecimento das diversas relações vivenciadas através do ato de ler, tornando-se uma fonte inesgotável que ajuda o leitor a perceber o mundo propiciando o crescimento interior e oportunizando a vivência das mais diversas emoções. Segundo Kleiman:

“Ler é identificar-se com o apaixonado, ou com o místico, e abolir o mundo exterior, é deportar-se para a ficção, abrir parênteses para a imaginação. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido figurado) e manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido, as palavras ressoarem, as pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair transformando de uma experiência de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar, pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer”. (2000: 15):

A leitura se torna fundamental na vida do aluno, quando coloca-se em prática o exercício da mesma tendo como pré-requisito a necessidade básica individual para o conhecimento social, cultural e intelectual. É lendo que adquirimos novos conhecimentos, desafiamos nossa imaginação e descobrimos o prazer da leitura e o seu significado para as transformações éticas e culturais no despertar do ser social.

A leitura é como uma arma poderosa, lendo a criança adquire saber, amplia sua visão do mundo, enriquece o vocabulário, desperta sua sensibilidade, criatividade e escreve com mais facilidade, além de enriquecer no mundo da

fantasia, a ser descoberto onde se deparam com histórias que divertem, fazem sonhar suscita dúvidas, dão respostas e apresentam novas emoções.

Segundo Barbosa (1992:136), *“O adulto mediador da leitura é intérprete de um mundo repleto de aventuras que permitem à criança alargar as fronteiras do seu próprio mundo”*.

O professor em sala de aula, desde cedo, deve influenciar a leitura tendo sempre em mente que a leitura é um requisito para a compreensão do conhecimento que esta sendo elaborado pelo pequeno leitor. Através da leitura a há interpretação do contexto, compreensão do vocabulário, acontece uma viagem imaginária no enredo descrito, o leitor toma uma postura crítica em relação aos acontecimentos narrados, construindo conceitos, despertando emoções que é de fundamental importância para o entendimento do mundo a sua volta. De acordo com Kleiman

“Quanto mais diversificada a experiência da leitura dos alunos, quanto mais familiaridade eles tiverem com textos narrativos, expositivos, mais conhecido será a estrutura desse texto e mais fácil à percepção das relações entre informações veiculadas no texto e na estrutura do mesmo”. (1989:97).

É importante perceber que a diversidade de textos ajuda o leitor a se inteirar com o novo, a se informar do mundo à sua volta, a compreender o outro, e os vários significados textuais que estão a sua volta. Nesse sentido quanto mais se propuser a prática de uma leitura onde o aluno seja capaz de indagar, comparar, duvidar, para que se torne mais crítico, é o bom senso do educando que dirá que a escola não poderá aleijar-se das condições sociais culturais e políticas da comunidade.

A partir do momento em que a aluna descobrir o livro, compreende o significado da leitura de mundo como fonte de conhecimento, iniciará o desenvolvimento, dessa aprendizagem. Após este momento é que começará a se desenvolver no ser humano o processo decodificação da palavra escrita. Essa leitura fluirá naturalmente no mundo particular da criança o qual ela já conhece muito bem.

Essa capacidade de perceber as coisas à sua volta e interpretá-las é um ato próprio do ser humano e que o diferencia dos outros seres. Por essa razão a reflexão crítica sobre o pratica de leitura, torna-se uma exigência, pois será através

dela que o indivíduo, formado assume o seu papel como sujeito crítico na produção do saber.

A leitura é, portanto, territorial de um sujeito ativo e interativo de um sujeito que agindo, interage e interagindo, vem a conhecer por que é capaz de ler e atribuir sentido. Nessa perspectiva a leitura é vista como uma continuidade do processo natural do desenvolvimento do ser humano, e não como algo isolado que só se torna possível a partir da escola.

Não basta aprender a ler, é preciso compreender aquilo que realmente está escrito. Para tanto se torna necessário o incentivo e a prática, pois a leitura representa um encontro com o conhecimento intelectual e, ao mesmo tempo, poderá desenvolver o senso crítico do aluno, seu desenvolvimento com o mundo da leitura criativa para torná-la capaz de modificar a realidade, criticá-la e enfrentar os desafios que surgirem.

Para Foucambert (1994:125), *“A escola deve ajudar a criança a tornar-se leitora dos textos que circulam no social e não limitá-la à leitura de um texto pedagógico destinado apenas a ensiná-la a ler”*.

Neste sentido, e por meio da escola e de professores os alunos serão influenciados a desenvolver-se com a leitura sabendo que a importância da leitura na vida do indivíduo será uma constante possibilidade de conhecer diversas culturas, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, constrói visões de um mundo capaz de produzir conhecimento. Mota:

“Quando a leitura é uma necessidade, um “gesto” apreciado no ambiente em que a criança vive, se é partilhada e usufruída em comum, a criança desenvolverá o quanto puder a capacidade de ler, mesmo que ainda não conhece, não domina a letra, a palavra escrita (1994, 122).

Sendo assim professores serão capazes de contribuir a todas as crianças experiências prévias com a leitura.

A emoção o prazer da descoberta da leitura, sempre renovadas a cada nova leitura e novas produções não poderiam diminuir e muitas vezes acabar, pela forma como a escola desenvolve essas experiências. Em outras palavras; Não poderiam deixar os alunos perderem o motivo para ler e escrever.

Não poderiam deixar morrer o entusiasmo de descobrir também e com frequência, sobretudo pela leitura o que foi e o que é a história do homem.

Diante dessa visão, acreditamos que a leitura de mundo proporciona a criança perceber sua importância como sujeito ativo de uma história e ao mesmo tempo amplia os horizontes cognitivos do leitor.

1.1- CONCEITO DE LEITURA

De acordo com o Referencial Curricular Nacional do 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental, a leitura é uma prática social que comporta uma ampla variedade de definições e de posturas frente ao que se considera texto.

Muitos autores atribuem ao conceito de leitura tanto a interpretação de um fato, de uma situação, como a decifração de um código ou a interação do sujeito frente a um registro escrito. O mundo pode ser visto como um texto, por isso, lê-se o mundo da mesma forma que se lê os símbolos gráficos da escrita.

Para Paulo Freire(1997:67):

“Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior de mundo e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura do mundo, de tal maneira que “ler mundo” e “ler palavra” se constituam num movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E “ler mundo” e “ler palavra”, no fundo [...] implicam escrever o mundo. Reescrever com aspas, quer dizer transformá-lo.”

A leitura como prática social é sempre um meio, nunca um fim. O leitor precisa interagir com a diversidade de texto escrito de modo que a leitura em sala de aula não possa ser apenas textos didáticos, incompletos e desinteressantes e, muitas vezes, é esta a visão de leitura que algumas pessoas têm. A respeito disso,

Para Abramovich (1997:16)

“A leitura em sala de aula peca por o livro não ser escolhido pelos alunos, pelo critério, pela escolha não ser sua qualidade e sim o mais acessível. O texto é utilizado apenas para o estudo da gramática normativa, sem contar ainda a determinação de prazos, para entrega de resumos, interpretação dirigida”.

Na verdade, o gosto pela leitura poderia acontecer, se os livros fossem criteriosamente escolhidos e fosse explorado o lúdico, o prazer na leitura. De acordo com Landroni (1997:14): *“(...) É falando e ouvindo em situações de prazer que a criança adquire o gosto pela linguagem, que vai lhe servir de base para desejar ouvir histórias, ver e ler livros”.*

Por essa razão o professor precisa ser um incentivador da leitura. Ele precisa ler muito, gostar muito de ler para seus alunos, ler com eles e saber ouvir a leitura, ainda tímida e descompassada, que seus alunos fazem do texto que eles próprios produzem. É comum ouvir professores dizendo que seus alunos não sabem ler, de acordo com as regras gramaticais ou simplesmente que a leitura não condiz com a gramática propriamente dita. Entretanto, pouco se faz para que os resultados conceituais venham a adquirir uma possível melhora, pelo menos, no que tange a decodificação da escrita. Tais professores não sabem que seus alunos não sabem mesmo é ler de verdade.

1.2 ESTÁGIOS DA LEITURA

No contexto escolar, sabe-se da importância de formar alunos leitores. As discussões em torno dessa temática têm possibilitado aos educadores diversificar o trabalho de leitura, utilizando diferentes tipos e gêneros textuais para que os alunos saibam lidar no cotidiano com as diferentes funções da linguagem dentro e fora da escola. Diante do desafio de formar alunos leitores e cidadãos capazes de compreender as questões que estão a sua volta faz-se necessário que o procedimento pedagógico permita ao aluno vivenciar as formas de ler através dos diferentes tipos de leitura: verbal, não verbal, extra verbal dentro da complexidade do cotidiano através de várias atividades desafiadoras, a fim de que o aluno leitor construa hipóteses de conhecimento partindo do conhecimento prévio que o mesmo possui antes mesmo de entrar na escola.

Nesse sentido, aprender a ler é um grande desafio. É necessário que os envolvidos nesse processo, inclusive a família ofereçam estímulos e subsídios para que a prática de leitura seduza o aluno e o conduza na construção de sua autonomia e independência, tornando-os confiantes para “o aprender fazendo” e “saber para aprender”, participando de situações que colocam a necessidade de refletir, transformando informações em conhecimento próprio.

Partindo do princípio de que ler significa muito mais que decodificar códigos lingüísticos, o ato de ler dentro e fora da escola exerce função primordial para a formação do indivíduo nos diversos segmentos de sua formação intelectual, cultural, psicossocial e afetiva.

Além da leitura de mundo proposta por Freire (1997:20), *“na escola, o hábito de leitura se desenvolve por meio de estágios que devem ser observados cuidadosamente”*. Desse modo é importante a formação do professor para articular os conhecimentos, fazer intervenções pedagógicas e principalmente para diagnosticar em que estágio de desenvolvimento os alunos se encontram para não ultrapassá-lo sem ter concluído o anterior e atrapalhar o desenvolvimento de todo o processo.

Nesse sentido, a classificação dos estágios de desenvolvimento para a aprendizagem da leitura se dá a partir das “faixas de interesse” ou “faixas etárias” dos indivíduos, tendo como base a média de cada grupo, o que se permite dizer que pode haver indivíduos nos quais a faixa etária não corresponda ao estágio de desenvolvimento e vice-versa.

A seguir serão comentados, de forma sintética os estágios iniciais de leitura pelos quais a criança passa.

1.3 TIPOS DE LEITURA

É fundamental para o aluno conviver com bons modelos de textos verbais (além dos não-verbais), sendo exposto aos mais diferentes gêneros discursivos, para que possa refletir sobre suas características específicas e também internalizá-las, facilitando a utilização desse conhecimento no momento em que produz seus próprios textos.

Os PCN/LP (1997:56) (Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa) fazem referências aos gêneros que são adequados para o trabalho com a linguagem escrita. De acordo com as peculiaridades de cada série, ao longo do ano letivo, o aluno deverá entrar em contato com parlendas, canções, poemas, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas, contos, crônicas, lendas, fábulas, textos informativos, verbetes de dicionário, anúncios, slogans, histórias em quadrinhos, telas, Cartum, cartazes, folhetos, além de receitas, listas, textos impressos em embalagens, rótulos, calendários e também convites, bilhetes, diários, cartões postais, cartas, gráficos e mapas, ícones e logotipos. Os diferentes gêneros devem ser trabalhados com o objetivo de familiarizar o aluno com textos literários,

jornalísticos e com os textos práticos que estão à sua volta, evidenciando em todos os momentos a função social da escrita.

As observações dos diversos gêneros textuais impressos de diferentes escritores facilitam a análise dos diferentes textos, assim como o próprio perfil do gênero discursivo que está sendo trabalhado, e contribuem para a qualidade dos textos a serem produzidos pelos alunos que devem ser levados a perceberem como os escritores resolvem problemas de repetição de palavras, com as devidas substituições, e bem como para as questões de pontuação, de ortografia, de gramática, favorecendo a ampliação do repertório lingüístico do aluno.

A leitura constante de textos literários, jornalísticos e de outros suportes impressos e a reflexão sobre eles contribuem para a aquisição da língua escrita. Entretanto, é preciso que se provoque no aluno um olhar cuidadoso para o texto verbal e o não verbal. Isso porque a interação que se estabelece entre o texto escrito e o leitor é diferente daquela estabelecida entre duas pessoas quando conversam, por exemplo. Nessa última situação, estão presentes em muitos aspectos, além das palavras, gesticulações, expressões faciais, entonação da voz, repetições, que dão significado à fala e a aprendizagem.

Na leitura, o leitor está diante de palavras escritas por um autor que não está presente para completar as informações, mas sim para informar e fornecer subsídios para que o leitor construa seu conhecimento de modo sistematizado. Por isso, é natural que texto forneça informações enquanto a criança lê. Contudo, ao desenvolver a leitura do texto, o aluno começa a adquirir a competência leitora, isto é, começa a questionar o texto escrito, as idéias do autor e quando necessário o transforma para suprir as suas necessidades interpretativas. Quando a criança lê algo, aplica um determinado esquema, alterando-o ou confirmando-o, ou ainda tornando-o mais claro e exato.

Assim, ao dialogar com dois indivíduos que estão lendo o mesmo texto o aluno pode entender mensagens diferentes porque seus esquemas cognitivos estão em pleno desenvolvimento e funcionamento, ou seja, as capacidades já internalizadas e o conhecimento de mundo de cada aluno letrado podem posteriormente compreender as diferentes estratégias de leitura.

1.3.1 LEITURA SILENCIOSA E EM VOZ ALTA

De acordo com a classificação pesquisada em Cagliari (2003:18), verificamos que existem os seguintes tipos de leitura:

A leitura silenciosa tem um valor enorme na escola, desde os primeiros contatos das crianças com a escrita e a leitura. Entretanto, “*a leitura pode ser feita sem que o leitor pronuncie o texto foneticamente (leitura silenciosa) ou através da fala do leitor (leitura em voz alta)*”. Os professores devem incentivar essa atividade em sala de aula constantemente, pois na nossa cultura, muito raramente os leitores são obrigados a ler um texto em voz alta e isso é um fator que dificulta a compreensão de determinados textos quando os mesmos são ouvidos e não lidos.

1.3.2-LEITURA EM VOZ ALTA

Ler em voz alta para um público é tarefa comum da escola, mas não em outras situações. Na vida real, a leitura em voz alta está restrita a umas poucas profissões, como por exemplo, locutores de rádio e de televisão. Note que os atores costumam ler em silêncio os textos que apresentam, mas depois ensaiam como declamá-los ou representá-los foneticamente, através de uma leitura especial em voz alta. Algumas vezes, chegam mesmo a memorizar o texto ou partes dele, para um melhor desempenho. A escola deveria seguir esse procedimento.

Muitas crianças gostam de ler em voz alta e até de misturar leitura com fala. O professor não deve se preocupar com isso, porque, se a leitura estiver sendo feita individualmente, esta pode até mesmo ser considerada um tipo de leitura silenciosa especial.

O que se costuma chamar de leitura em voz alta na verdade nos contextos escolares, deveria chamar-se, mais propriamente, de leitura para um público ouvinte. O objetivo é que ele participe do literal do texto como ouvinte da fala de um leitor.

As leituras em voz alta têm sido uma grande preocupação da escola, pois nota-se uma grande timidez no ato de oralidade dos alunos. Alguns professores gostam que os alunos leiam em voz alta porque é através dessa atividade que a criança além de desenvolver habilidades de leitura, também desenvolverá habilidades de oratória, tão importante no exercício da vida profissional.

O professor precisa tomar cuidados especiais para que seus alunos não se tornem leitores simplesmente porque querem se exibir lendo de qualquer jeito. No fundo, todos os tipos de leitura são da mesma natureza, embora, assumam características diferentes em diversas circunstâncias. O fato de um texto provocar nos leitores diferentes reflexões, segundo o modo como cada um o interpreta transforma-se em uma leitura literal e outra na qual vem associada à reflexão do leitor, ou seja, uma leitura interpretativa.

A leitura pode ter uma tipologia ramificada a partir de outros parâmetros, como a natureza dos textos e a finalidade do próprio ato de ler. Neste último caso, a leitura pode ser informativa, para divertir, etc. Com relação à natureza dos textos, uma leitura pode ser do tipo a ser declamado, representado, estudado, etc. Um estudo mais aprofundado levaria, ainda, a outros tipos de leitura. De interesse particular é o tipo de leitura que se tem, dependendo do tipo de sistema de escrita que se lê.

Cada sistema de escrita tem um tipo próprio de leitura. Quando se lê num sistema ideográfico, parte-se do significado e procuram-se depois os valores fonéticos associados. Quando se lê num sistema fonográfico, parte-se da identificação dos sons das letras e procura-se a palavra associada a esses sons para se chegar ao significado. Esses dois sistemas básicos estão representados de muitas maneiras, os leitores comumente passam de um tipo de leitura para outro. Os números e os pictogramas pertencem ao sistema ideográfico; as letras, ao sistema fonográfico; a ortografia, ao sistema ideográfico; o uso de rébus (sons), ao sistema fonográfico.

Vê-se que um passar de olhos num jornal ou numa revista mostra logo como nosso mundo de escrita exigem dos leitores habilidades muito diferentes a todo instante. Ler apenas letras é uma tarefa típica da escola. No mundo fora da sala de aula, a escrita apresenta-se de muitas formas. Os símbolos, os sinais, as grifes, as marcas e até os sinais de trânsito e informações gerais que se encontram nas ruas mostram bem que as letras representam apenas um tipo de escrita e de leitura. Para muita gente, até mesmo os números (os algarismos) são os tipos de escrita com o qual lidam mais no dia-a-dia. Infelizmente, com freqüência, a escola treina seus alunos apenas para lerem letras e, não raramente, somente para o aspecto literal do texto.

Para Cagliari (2003:36), *É preciso abrir os horizontes e incorporar as atividades escolares todas as formas de leitura que o mundo moderno da escrita põe diante dos olhos, tais como:*

- **Leitura dramatizada:** permite o encontro entre a expressão verbal e a não verbal na construção do sentido de um texto. Contribui para a desinibir o educando, para a expressão dos seus sentimentos, para o desenvolvimento da inteligência corporal;
- **Leitura dirigida:** possibilita ao professor solicitar ao educando que leia o trecho de que mais gostou, que mais se emocionou, que transmitiu determinada idéia, etc.;
- **Leitura interrompida:** trata-se de interromper a leitura para fazer um questionamento a respeito das idéias e das características do discurso até então apresentado. Uma prática importante principalmente quando se está lendo um texto razoavelmente longo;
- **Leitura colaborativa:** atividade em que o professor lê um texto com a classe e durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas lingüísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos.

CAPÍTULO II

2-DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DA LEITURA

As dificuldades mais comuns que os alunos apresentam referem-se a problemas de decifração, de concatenação ou de compreensão.

O problema mais sério de decifração é o daquele aluno que, não sabendo decifrar a escrita, põe-se a ler imitando os adultos e inventando uma fala. Alguns alunos chegam mesmo a escrever várias palavras seguindo a cartilha, mas, como não sabem exatamente o que estão fazendo, quando são solicitados a ler, não conseguem ou lêem apenas as palavras já dominadas. O professor deve, portanto, ensinar esses alunos a decifrarem a escrita.

Entende-se que no início da alfabetização as crianças percorrem vários caminhos até chegarem a leitura e escrita convencional, enfrentando muitas dificuldades de leitura, pois muitas não têm acesso a bens culturais tais como: livros, revistas e ainda grande parcela dos pais são analfabetos e não compram livros e pouco incentivam os filhos a lerem. Uma dificuldade comum no princípio da alfabetização ocorre com os alunos que acabam lendo palavras que não existem ou que não se encaixam no contexto. Por exemplo, ao ver a palavra CASA, o aluno diz “kaça” ou “çaça”. Seu esforço para decifrar ainda não foi suficiente para reconhecer outros valores fonéticos das letras. Uma boa estratégia é o professor dizer para o aluno que, quando ele for ler e descobrir uma palavra que não conhece, deve procurar observar se alguma das letras não pode ter outro som e formar, desse modo, outra palavra.

Esse caso é semelhante à leitura incidental. Assim como atribuímos palavras às coisas, de modo semelhante pode-se aprender a reconhecer certas palavras através de formas gráficas específicas, como logotipos ou marcas de produtos, linhas de ônibus, etc. Mesmo uma pessoa analfabeta pode fazer esse tipo de leitura. Porém, como ela não sabe decifrar a escrita, a leitura incidental não vai além da identificação do próprio objeto, não sendo um conhecimento produtivo.

Nota-se que um bom leitor precisa compreender o que lê, devendo perceber a relação entre os textos lidos, e interpretar e descobrir os elementos implícitos, construindo um significado a partir do texto, mesmo antes de lê-lo. A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida.

Para PAIM, (1985:33)

“Nós profissionais que nos deparamos e trabalhamos com a dificuldade de aprendizagem, devemos considerá-la como um sintoma a ser trabalhado, e não realizar uma análise que nos leve a ter a dificuldade de aprendizagem como algo instaurado e permanente”. (1985:33)

Um problema encontrado é o caso dos alunos que no início da alfabetização têm dificuldade para concatenar, isto é relacionar o objeto à escrita e fazer a comparação das mesmas. O aluno durante este confronto faz uma ligação do tamanho do objeto com a quantidade de letras da escrita. Para a criança o desenho do objeto representa a escrita, ela não tem noção de quantidade de letras em relação à sonorização; Ex.: boi tem muitas letras porque é um animal grande, formiga tem poucas letras porque é pequena. Números e letras têm o mesmo valor e também essa escrita poderá ser na forma de garatuja. Dentro do processo de alfabetização isso é natural e o tempo necessário para cada um resolver as suas dúvidas varia de aluno para aluno e de contexto para contexto. A partir da ligação e diferenciação a criança vai formulando hipóteses de escrita e leitura partindo das suas experiências vivenciadas com as relações sociais, com as diversidades culturais, e com o ambiente alfabetizador e através da intervenção do professor avançarão na construção da compreensão da linguagem falada e escrita, descobrindo que a escrita corresponde ao som da fala e que cada letra que ela escreve representa uma sílaba oral emitida. Ex.: pato; ou valor sonoro consonantal PT que também significa pato.

O professor deve ter paciência e dar todo o tempo necessário para que os alunos realizem a tarefa. Através do conhecimento que a criança já construiu ela percebe que as sílabas são formadas por uma, duas ou três letras. Ex.: pato = pto; cavalo = hlo; vaca = vak. Ajudá-los é sempre uma boa estratégia, mas não se deve resolver todas as suas dificuldades, pois através da procura pela compreensão das hipóteses levantadas é que elas alcançarão escrita convencional.

2.1- FATORES QUE EXERCEM INFLUÊNCIA SOBRE O INTERESSE PELA LEITURA

Considerando a leitura como um processo dinâmico, deve-se entender que as aulas destinadas a esse processo devem ocupar um espaço prazeroso na formação do aluno. Nesse sentido é importantíssimo o papel do professor, não só como mediador entre o aluno e o texto, mas como um leitor competente, um leitor que gosta de ler e que sabe da importância da leitura. Nessa perspectiva os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa enfatizam que a formação de leitores e a prática de leitura, não devem se restringir apenas aos recursos materiais disponíveis, mas ao uso que se faz dos livros e demais materiais impressos.

Para desenvolver o gosto pela leitura, é importante destacar a influência do fator familiar, pois é nele que a criança começa a construir seu conhecimento de mundo. Os problemas familiares como a falta de atenção, falta de afetividade e a falta de estímulos ocasionados pela falta de tempo dos pais devido ao trabalho, tão comuns em todas as camadas sociais afeta de forma negativa a construção de hábitos e conceitos de leitura no cotidiano infantil.

Um outro fator que influencia o gosto pela leitura é o fator ambiente-emocional (casa e escola), para despertar o gosto e o prazer pela leitura, pois sem um ambiente o prazer pela leitura pode ficar comprometido. Uma criança que tem um ambiente onde a segurança, o diálogo, o respeito mútuo, a convivência, a responsabilidade de cada membro e o trabalho emocional no interior do lar tem maior estímulo para apreciar a leitura. A escola é um espaço problematizador, criador e mediador, ela está mais próxima da família e estabelece a parceria

dividindo responsabilidades, da mesma forma deverá oferecer, as mesmas bases que a família oferece para a construção do gosto pela leitura.

Dentro do fator social uma influencia que favorece o interesse pela leitura é que dentro do contexto social é necessário ao aluno aprender a agir como um leitor competente dentro e, principalmente, fora da escola haja vista que são inúmeras as situações sociais que requerem procedimentos de leitura, como a defesa de seus direitos e opiniões, a busca de documentos, a compreensão das bulas de medicamentos ou de instruções de aparelhos eletroeletrônicos, as exigências profissionais, entre outras.

O fator econômico-cultural está fortemente ligado ao desinteresse do hábito de leitura. A população preserva valores, normas de comportamento, atitudes, sentimentos, crenças, enfim, vivem segundo uma cultura embasada no senso comum. Se a família é desprovida economicamente de meios financeiros, provavelmente será difícil ter acesso a livros pois, não terá como adquiri-lo. No senso comum da cultura brasileira o ato de ler está associada ao lazer da elite e aos intelectuais. Uma grande parte da população não a valoriza, não aceita e não leva em consideração que a leitura é uma atividade para todas as classes.

Nesse contexto as famílias que tem o hábito de ler muitas vezes são privadas da leitura devido ao fator econômico, pois os livros são caros tornando difícil sua aquisição. O fator pedagógico tem grande importância na construção de interesse sobre o ato de ler.

Conforme NIDELCOFF (1995:18) *A “Escola é um local, onde cada ano recebe crianças de diferentes culturas e linguagem e essas crianças trazem consigo uma realidade já marcada e dificilmente são passíveis de modificações”.*

É na escola que a criança desenvolve estratégias para se tornar um leitor habilidoso. A figura do professor tem grande importância nesse fator, haja visto que a criança faz uma introjeção desta figura, tendo ela como ponto de referencia. Um professor que gosta de ler e transmite o prazer que sente no ato de ler, conseqüentemente formará bons leitores.

Segundo Paulo Freire

“Ao professor cabe contribuir para que o educando descubra sua posição no mundo, tenha seu projeto pessoal de vida e através de uma opção consciente desenvolva abertura para o “outro”, fugindo do

egocentrismo e do consumismo tão difundidos e incentivados pela sociedade em que vivemos. Incentivar o esforço criador, a criatividade, a auto confiança são atributos fundamentais. Em especial, caro professor, jamais tire de seus alunos o direito a acreditar em um mundo melhor, pois ninguém tem o direito de retirar do jovem a esperança, ela é fruto da motivação. É tão importante para a vida quanto o ar que respiramos; sem esperança, restaria apenas apocalipse". (1997: 63)

O professor enquanto orientador da aprendizagem deve estabelecer um debate sobre as idéias e aspectos do texto, para que alguns detalhes antes não percebidos, possam nesse momento ser mais bem compreendido, sendo assim o gosto pela leitura deve ser o destaque, não sendo, apenas, transformado em um pretexto para estudos diversos.

Considerando a leitura como um processo dinâmico, deve-se entender que as aulas destinadas a esse processo devem ocupar um espaço prazeroso na formação do aluno. Por essa razão, o professor deve conhecer os fatores que exercem influência diretamente no desenvolvimento da leitura prazerosa de seus alunos. Entre esses fatores podem ser destacados: a correta mediação do professor, o uso de estratégias e ações (procedimentos) utilizadas por ele em sala de aula para permitirem aos alunos desenvolverem corretamente as habilidades de leitura, os recursos materiais (livros, biblioteca), o ambiente destinado às atividades de leitura e os fatores sociais (econômicos e culturais) de cada clientela do professor.

Para SMITH:(1989: 114)

"O professor que procura compreender seus alunos terá maior êxito em seu trabalho. Ele perceberá que a criança terá prazer em ir para sala de aula, ao mesmo tempo lhe transmitirá afeição. A criança que provém de ambientes pouco privilegiados, merece o melhor educador possível".

Nesse sentido é importantíssimo o papel do professor, não só como mediador entre o aluno e o texto, mas como um leitor competente que, através de seu exemplo se mostra ao aluno como um leitor que gosta de ler e que sabe da importância da leitura. Nessa perspectiva os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa enfatizam que a formação de leitores e a prática de leitura, não devem se restringir apenas aos recursos materiais disponíveis, mas ao uso que se faz dos livros e demais materiais impressos.

Os recursos materiais e o ambiente também interferem no desenvolvimento da habilidade leitora dos alunos. Sabe-se que para desenvolver o gosto pela leitura, é importante destacar que a escola deve dispor de uma boa

biblioteca, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura; organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também.

As mais comuns dificuldades de leitura que os alunos passam no desenvolvimento desse processo também devem ser do conhecimento do professor. Isto facilita ao professor identificá-las no estágio inicial e escolher as estratégias e procedimentos adequados para que seus alunos as superem como foi descrito nos tópicos 2.4 deste trabalho

O professor deve propiciar ao seu aluno esses momentos para que não seja comprometida a capacidade do aluno em se tornar um verdadeiro leitor. A leitura de um texto compreende várias ações e estratégias, como uma pré-leitura, identificação de informações, antecipações com hipóteses que poderão ser ou não confirmadas posteriormente; inferência ou o conhecimento prévio sobre os assuntos tratados no texto ou contexto em que a leitura é trabalhada; possibilitando ao educando analisar criticamente ao julgar fatos e situações; argumentos sobre a opinião emitida; releitura etc. Nesse sentido é possível afirmar que um mesmo texto pode supor várias leituras. Uma abordagem de leitura pode apresentar uma série de possibilidades de exploração, respeitando as características peculiares de cada texto.

Os fatores sociais, entre eles o econômico e o cultural também interferem no desenvolvimento da leitura. O professor deve conhecê-los e saber até onde os mesmo afetam essa capacidade do aluno. Vimos, neste capítulo II, que a família é a primeira a influenciar o aluno neste hábito. Se na casa do aluno os pais têm o hábito da leitura e possuem livros e revistas, a criança com certeza terá a predisposição para se tornar uma leitora assídua e cabe à escola dirigir este hábito favoravelmente e de forma competente.

Ao contrário, têm famílias que não possuem livros ou sequer revistas para que o aluno leia ou faça uma pesquisa solicitada pelo professor e, muito menos, nunca ou raramente observam seus pais lendo um livro. Esse aluno provavelmente terá mais dificuldade de desenvolver o hábito de leitura, cabendo ao

professor ser o seu exemplo e compreender toda a dificuldade de seus alunos diante da novidade que a leitura será para ele.

Salto para o Futuro (1993:45)

“Ensinar é dar condições ao estudante para que se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimentos. Ensinar é ensinar a ler para que se torne capaz dessa apropriação, pois o conhecimento acumulado está, em grande parte, escrito em livros, revistas, jornais, relatórios, arquivos. Ensinar é também ensinar a escrever, porque a produção de conhecimento se expressa, no mais das vezes, por escrito”.

Entretanto, essa distinção deve servir para o professor saber escolher as estratégias adequadas aos alunos e não para o mesmo excluir um ou outro desse processo. Isso porque se ele optar por estratégias que beneficie apenas uma parte de seus alunos (os que gostam de ler ou os que não sabem ler) ele estará contribuindo ou para retardar o desenvolvimento das habilidades daqueles alunos que já estão habituados com a leitura ou excluir de vez do processo da leitura àqueles alunos que não tiveram essa oportunidade fora das paredes da escola.

Convém lembrar também que, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental, é importante variar a forma de solicitar a leitura, orientar a postura mais adequada, a pronúncia das palavras, o tom de voz, a atenção para ouvir. Os alunos também podem preparar o texto em casa, treinando as habilidades necessárias para fazer uma leitura mais expressiva na classe. O professor enquanto orientador da aprendizagem deve estabelecer um debate sobre as idéias e aspectos do texto, para que alguns detalhes antes não percebidos, possam nesse momento ser melhor compreendidos, sendo assim o gosto pela leitura deve ser o destaque, não sendo, apenas, transformado em um pretexto para estudos diversos.

O aluno precisa aprender a agir como um leitor competente dentro e, principalmente, fora da escola haja vista que são inúmeras as situações sociais que requerem procedimentos de leitura, como a defesa de seus direitos e opiniões, a busca de documentos, a compreensão das bulas de medicamentos ou de instruções de aparelhos eletroeletrônicos, as exigências profissionais, entre outras.

Portanto, as práticas de leitura devem priorizar um trabalho com textos que atendam não só à interlocução, mas, sobretudo possibilitem ao aluno o desenvolvimento de capacidades necessárias à compreensão e produção de textos orais e escritos, que se caracterizam pelo uso público da linguagem, e assegurando-

lhes uma aprendizagem de procedimentos apropriados aos diferentes contextos de fala e de escuta para o exercício pleno da cidadania.

Acredita-se que, no momento em que o aluno reflete sobre um tema, torna-se mais fácil à expressão escrita e verbal. A colocação de temas em debate também o habitua aos efeitos enriquecedores do diálogo. As opiniões de cada um devem ser respeitadas, desde que bem fundamentadas e, principalmente, que haja troca de idéias.

Enfim, espera-se que as aulas de leitura ocupem um espaço amplo na escola, portanto é indispensável conceber que ler é perceber, sentir, entender, compreender, emocionar-se, sensibilizar-se com esse mundo que se apresenta diante de nós.

Para PAIM, (1985:33),

„Nós profissionais que nos deparamos e trabalhamos com a dificuldade de aprendizagem, devemos considerá-la como um sintoma a ser trabalhado, e não realizar uma análise que nos leve a ter a dificuldade de aprendizagem como algo instaurado e permanente”.

Sabe-se que este é um processo complexo em que estão incluídas inúmeras variáveis: aluno, professor, concepção e organização curricular, metodologias, estratégias, recursos. Mas, a aprendizagem do aluno não depende somente dele, e sim do grau em que a ajuda do professor esteja ajustada ao nível que o aluno apresenta em cada tarefa de aprendizagem. Se o ajuste entre professor e aprendizagem do aluno for apropriado, o aluno aprenderá e apresentará progressos, qualquer que seja o seu nível.

CAPITULO III

COMO DESENVOLVER O HÁBITO E A PAIXÃO PELA LEITURA

Para desenvolver uma boa leitura é necessário criar um ambiente favorável à decodificação de sinais gráficos e a interpretação da leitura. Isto leva a crer que temos que ler, mas de uma forma bastante crítica, fazendo ligação entre teoria e prática, para se entender melhor aquilo que é decodificado. Para compreender um texto, o leitor utiliza diferentes conhecimentos que já tem, sua experiência de vida, as informações que tem sobre o estilo do texto, sua finalidade, a linguagem utilizada.

Por isso, antes mesmo de abrir o livro, é importante que o professor interrogue os alunos sobre o tema a ser trabalhado e suas vivências em relação a ele, para que comecem a interagir com o assunto central da aula, passando, a se envolver e a se interessar.

O levantamento do conhecimento prévio é fundamental não só para despertar a participação ativa do grupo, como também para ajudar a desenvolver a forma de expressão lingüística que mais será utilizada ao longo de toda a vida: a fala.

A partir do título, da ilustração ou até mesmo do estilo do texto que será trabalhado, é interessante desafiar os alunos a criar, inventar, imaginar o que será contado por meio da leitura que farão.

Outra sugestão é interromper a leitura no momento do clímax, em se tratando de uma narrativa, por exemplo: pedir aos alunos que prevejam o que vai acontecer, como será o desfecho.

Independentemente do momento em que for utilizada, a formulação de hipóteses de leitura tem a capacidade de desafiar a memória e a criatividade, despertando ainda mais o interesse do grupo. O professor, principalmente nas séries iniciais deve ler para os alunos, procurando dar expressividade ao texto, ressaltando suas intenções. Em outros momentos, pode-se dar a oportunidade de todos os alunos prepararem previamente sua leitura oral, para que possam comunicar para toda turma às idéias que compreenderam. As estratégias devem ser variadas, para que os alunos não se sintam apenas testados em sua habilidade de ler em voz alta.

Para FREIRE (1997: 27),

“Ensinar, dentre tantas coisas mais... “exige querer bem aos educandos...” e continua... “Não é certo, sobretudo, do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante, e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos”.

Se ensinar é mais do que transmitir conteúdos... *“É poder gerir relações com o saber, ou, como diz PERRENOUD “. (2000:46)..fazer a transcendência dos ensinamentos das salas de aula, para sua aplicação na vida...”*, a realidade de nossas escolas está muito aquém das competências sugeridas por PERRENOUD, ou mesmo pelos PNC's (1997:26).

É essencial fazer uma reflexão sobre pelo menos dois tipos de leitura: a leitura expressiva e a leitura dinâmica.

A leitura expressiva é realizada pelo professor, que já conhece o texto previamente e pode “representar” com mais clareza o sentido e as características do texto. O professor poderá dar as pausas nos lugares certos, enfatizar exclamações e perguntas, pronunciar com clareza, transmitindo sentimentos, suspenses e desfechos. Dar vida ao texto por meio da leitura oral é dar ao aluno a oportunidade de vivenciá-lo, de dialogar com ele e compreendê-lo mais amplamente.

A leitura dinâmica está na análise de tudo o que cerca o indivíduo, ou seria, a natureza, o ambiente onde se vive, o texto escrito, as placas, os rótulos, os jornais, as revistas, e outros tipos de textos verbais e não verbais. É fundamental que os professores trabalhem com os alunos da terceira série com este tipo de

leitura, pois lhes possibilitam ter uma compreensão mais evolutiva sobre os signos lingüísticos e a sua função social

É fundamental deixar de valorizar as leituras meramente formais, que privilegia a correção da pronúncia, o tom de voz, a locução sem significado, para mostrar aos alunos que a leitura tem significado prático na vivência do cotidiano.

3.1 LER É COMPREENDER ALÉM DOS TEXTOS ESCRITOS, MAS SIM O MUNDO QUE O CERCA.

Partindo do princípio de que ler é compreender, é função primordial da escola ensinar a ler, é a escola que vai ampliar e orientar a escolha dos materiais de leitura e também desenvolver as relações entre leitura e indivíduo, trabalhando desde o primeiro ciclo, contexto de diversas naturezas.

A compreensão da leitura, ou seja, do que é lido não é algo instantâneo, depende do estágio de desenvolvimento que o aluno se encontra. Para compreendê-la e para que esta seja efetiva, a professora deve torná-la significativa, propondo aos alunos atividades prazerosas, desafiadoras e contextualizá-la com as experiências vivenciadas nos diversos segmentos sociais, isto é, deve ir ao encontro de uma necessidade, um desejo de expansão sensorial, emocional e racional, sendo assim para motivar a leitura na criança é necessário que o professor conte e leia histórias em voz alta, mostrando livros e gravuras, facilitando assim o desenvolvimento do vocabulário da criança.

Na verdade a leitura é um processo de construção de significados. Numa leitura, o leitor não aprende meramente um sentido que está lá, atribui sentidos ao texto, pois se considera que a leitura é produzida. Daí pode-se dizer que a leitura é um momento crítico da constituição do texto, pois é nela que ocorre o processo de significação, ler é também observar alguns componentes das condições de produção de leitura, tais como: sujeitos (autor e leitor), a ideologia, os diferentes tipos de discurso.

“Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição no processo de informação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuação social e cultural. Pois só através da leitura, o

indivíduo é inserido no contexto social, cultural, se igualando aos intelectuais. (KLEIMAN, 1989, 58.)”.

Quer-se fazer crer que deixa de ser analfabeto aquele que sabe escrever e ler o próprio nome. Na verdade esses continuam analfabetos, pois aprender a ler e a escrever o próprio nome não é saber fazer a leitura de mundo, continuam as margens, da sociedade, da vida política social e econômica do país. Considerando que indivíduo é um ser essencialmente social, este não pode ficar preso a textos pedagógicos, a escola deve considerar a realidade do indivíduo num contexto maior, do contrário estará preparando crianças a envelhecerem sem de fato crescerem com o “saber ler”. Daí a necessidade de se compreender tanto a questão de leitura, quando a da cultura para além dos limites que as instituições impuseram.

3.2 ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Para KATO, (1985:139)

“O ato de ler ativa uma série de ações na mente do leitor pelas quais ele extrai informações. Essas ações ou “estratégias de leitura” passam, na sua maioria, despercebidas em nível de consciência. Elas ocorrem simultaneamente, podendo ser mantidas, modificadas ou desenvolvidas durante a apropriação do conteúdo”.

Seleção: Ao ler um texto qualquer, a mente seleciona o que interessa do conteúdo. Nem tudo o que está escrito é igualmente útil para a compreensão do texto. Escolhem-se alguns aspectos relevantes e ignoram-se outros.

Quando o leitor lê um livro, por exemplo, e “pula” certos trechos, está fazendo uma “seleção”. Apenas presta atenção aos aspectos que lhe interessam, ou seja, àqueles sem os quais não seria capaz de compreender o texto.

Antecipação: São hipóteses que o leitor levanta, antecipando informações com base nas “pistas” que vai percebendo durante a leitura. Essa estratégia ocorre, por exemplo, quando, no início da leitura de um romance policial, antecipa-se quem será o herói e o vilão. Durante a leitura, confirma-se ou não a predição.

Inferência: São os complementos que o leitor fornece ao texto a partir de seus conhecimentos prévios. É tão freqüente o uso dessa estratégia que é

comum o leitor não se lembrar se um determinado aspecto estava explícito ou implícito no texto.

Autocontrole: É a atitude permanente do leitor, que consiste em fazer a ponte entre o que ele supõe (seleção, antecipação, inferência) e as respostas que vai obtendo a partir do texto. Trata-se de avaliar as antecipações e inferências, confirmando-as ou refutando-as com a finalidade de garantir a compreensão.

Autocorreção: Quando as expectativas levantadas pelas estratégias de antecipação não são confirmadas, há um momento de dúvida. O leitor repensa a hipótese anteriormente levantada, constrói outra e retoma as partes anteriores do texto para fazer as devidas correções. É o caso do leitor que “volta” para corrigir a palavra que leu errado.

Há uma relação dialética entre usar estratégia de leitura e interpretar o texto. Emprega-se uma estratégia porque se está entendendo o texto; entende-se o texto porque as estratégias estão sendo aplicadas.

3.3 LER OU APRENDER A LER

Segundo Para KATO, (1985:153), *“É necessário fazer uma distinção entre ler e aprender a ler. Ler é estabelecer uma comunicação com textos impressos, por meio da busca da compreensão”*.

A aprendizagem da leitura constitui uma tarefa permanente que se enriquece com novas habilidades na medida em que se manejam adequadamente textos cada vez mais complexos. Por isso, aprendizagem da leitura não se restringe ao primeiro ano da vida escolar, pois essa leitura é simplesmente uma decodificação. Atualmente, sabe-se que aprender a ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda a escolaridade e de toda a vida.

Quando a criança chega à escola já é um bom leitor do mundo. Desde muito nova começa a observar, a antecipar, a interpretar e a interagir, dando significado aos seres, objetos e situações que rodeiam. Ela utiliza estas mesmas estratégias de busca de sentido para compreender o mundo letrado.

Essa aprendizagem natural da leitura deve ser considerada pelo professor e incorporada as suas estratégias de ensino, com o fim de melhorar a

qualidade desse processo contínuo iniciado no momento em que a criança é capaz de captar e atribuir significado às coisas do mundo. Assim, a ação ler o mundo se enriquecerá na medida em que a criança enfrenta progressivamente numerosos e variados textos.

O trabalho de leitura, na escola, tem por objetivo levar o aluno à análise e à compreensão das idéias dos autores e buscar no texto os elementos básicos e os efeitos de sentido. É muito importante e o leitor se envolva, se emocione e adquira uma visão dos vários materiais portadores de mensagem presentes na comunidade em que vive podendo abordar tipos diversificados de textos, enfoques diferentes de interpretação e proporcionar o desenvolvimento de estratégias e habilidades para aprendizagem da leitura.

CAPÍTULO IV

GESTÃO ESCOLAR E A ALFABETIZAÇÃO NA BUSCA DA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

Pensar na construção de escolas democráticas que almejem a cidadania e a construção de personalidades autônomas, e de maneira coerente com os pressupostos da complexidade que, nos leva a buscar compreender alguns dos diversos fatores que interferem nesse processo dentro do cotidiano escolar. A identificação desses fatores, no entanto, não significa uma tentativa reducionista de interpretar a realidade e sim representa os resultados advindos de uma experiência ativa no cotidiano de escolas que procuram incrementar seu processo de democratização.

Nessas experiências, ocorridas nos últimos dez anos, na educação, foram identificados aspectos que podiam interferir freando ou desenvolvendo a democratização dos processos educativos, podendo e devendo ser alterado a partir de novas experiências nos complexos processos de democratização das escolas que têm tais objetivos buscar formas mais realistas de intervenção na educação para a cidadania.

Os aspectos identificados são: os conteúdos escolares; a metodologia das aulas; o tipo e natureza das relações interpessoais; os valores, a auto-estima e o auto-conhecimento dos membros da comunidade escolar; e os processos de gestão da escola. As escola pode se reorganizar, a partir da identificação desses aspectos, para superar os obstáculos à democratização; e a relação que eles mantêm com as distintas dimensões constitutivas da natureza humana.

Segundo Perrenoud (2000:106) , normalmente, define-se o fracasso escolar como a conseqüência de dificuldades de aprendizagem e como a expressão de uma “falta objetiva” de conhecimentos e de competências.

“Esta visão que “naturaliza” o fracasso, impede a compreensão de que ele resulta de formas e de normas de excelência que foram instituídas pela escola, cuja execução revela algumas arbitrariedades, entre as quais a definição do nível de exigência do qual depende o limiar que separa aqueles que têm êxito daqueles que não o têm. As formas de excelência que a escola valoriza se tornam critérios e categorias que incidem sobre a aprovação ou reprovação do aluno”.

Temos ciência de que esta exclusão no interior da escola não se dá apenas pela avaliação e sim pelo currículo como um todo (objetivos, conteúdos, metodologias, formas de relacionamento, etc.). No entanto, além do seu papel específico na exclusão, a avaliação classificatória acaba por influenciar todas as outras práticas escolares.

Acreditar que tais notas ou conceitos possam por si só explicar o rendimento do aluno e justificar uma decisão de aprovação ou retenção, sem que sejam analisados o processo de ensino-aprendizagem, as condições oferecidas para promover a aprendizagem do aluno, a relevância deste resultado na continuidade de estudos, é, sobretudo, tornar o processo avaliativo extremamente reducionista, reduzindo as possibilidades de professores e alunos tornarem-se detentores de maiores conhecimentos sobre aprendizagem e ensino.

Continua Perrenoud (2000:109):

“As classificações escolares refletem às vezes, desigualdades de competências muito efêmeras, logo não se pode acreditar na avaliação da escola. O fracasso escolar só existe no âmbito de uma instituição que tem o poder de julgar, classificar e declarar um aluno em fracasso. É a escola que avalia seus alunos e conclui que alguns fracassam. O fracasso não é a simples tradução lógica de desigualdades reais. O fracasso é sempre relativo a uma cultura escolar definida e, por outro lado, não é um simples reflexo das desigualdades de conhecimento e competência, pois a avaliação da escola, põe as hierarquias de excelência a serviço de suas decisões. O fracasso é, assim, um julgamento institucional”.

Um dos grandes problemas enfrentados pela educação brasileira, nos dias de hoje, é a inadequação dos conteúdos trabalhados nas diversas disciplinas da grade curricular, principalmente nas séries iniciais . Uma visão mais crítica mostra que, de maneira geral, esses conteúdos estão dissociados da realidade e do cotidiano dos alunos e das alunas. Isso, além de provocar a falta de interesse, é uma das fontes para o grande problema de indisciplina e violência que hoje assola

as escolas. O fato de o aluno não compreender a utilidade de um determinado conteúdo para o seu dia-a-dia, ou mesmo para sua vida, aumenta a probabilidade de apatia ou de manifestação das diversas formas de violência.

À medida que a sociedade e a escola se democratizam, inicia-se uma cobrança para que a escola, e os conteúdos por ela trabalhados, sejam mais interessantes e próximos do cotidiano e da realidade dos alunos. Propostas de contextualizar na realidade dos estudantes os conteúdos escolares e de trabalhar outros como a ética, a sexualidade, os sentimentos etc., vêm sendo implementadas em muitos lugares e estão presentes, inclusive, nos diversos referenciais curriculares do sistema de ensino brasileiro, que passaram por recente reforma.

Luckesi (1999:79), *“Entendo que uma escola que almeje a democracia e a formação de sujeitos éticos competentes para o exercício da cidadania precisa ter coragem e desejo político de reorganizar sua estrutura curricular”*.

Além disso, os conhecimentos da vivência pessoal e cultural que os educandos trazem para a escola, a partir de sua história de vida e de seus interesses pessoais, devem estar no centro da contextualização dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Considerar tal realidade na teia de conhecimentos a serem abordados na escola dará maior significado à aprendizagem dos alunos e das alunas.

Estar aberto a essas mudanças curriculares e buscar intencionalmente sua implementação no cotidiano das salas de aula é papel essencial dos profissionais da educação preocupados com a democratização da sociedade e com a construção de personalidades morais autônomas. A manutenção da atual estrutura curricular das escolas reforça o modelo de sociedade injusta e excludente que vivemos hoje em dia.

Dessa maneira, relacionado à reestruturação curricular, um projeto educativo que almeje a construção de personalidades morais autônomas e críticas deve prever formas de trabalhar o conhecimento privilegiando o desenvolvimento da competência dialógica e reflexiva dos educandos, ao mesmo tempo em que busca estratégias que tenham como pressuposto levar alunos e alunas a tomar consciência de seus próprios sentimentos e emoções.

Para que a educação e os conteúdos abordados na escola possam tornar-se de fato significativos para alunos e alunas, contribuindo para a construção de personalidades morais, acredito que professores e professoras devam promover suas aulas a partir de dinâmicas que incorporem três tipos diferentes de atividades: reflexivas; conceituais concretas; e prática experiências.

Para ARIÉS, (1978:113) “A educação não é senão a vida ou o meio que conduz o homem, ser inteligente, racional e consciente, a exercitar, desenvolver e manifestar os elementos da vida que possui por si próprio”.

É evidente, então, que através da educação, devemos ajudar as crianças a crescerem como pessoas livres, responsáveis, com capacidade crítica, auxiliando-as a formar seu caráter e a aprender a conduzirem-se como cidadãos, através da interiorização dos valores morais e sociais que devem nortear a convivência pacífica do ser humano em sociedade. É através de uma educação que invista na formação de valores desde tenra idade que poderemos formar novas gerações que conheçam e compreendam o mundo, comprometendo-se a melhorá-lo dia a dia.

Em primeiro lugar não nos esqueçamos de que ninguém é uma ilha. Professores, alunos, pais, escolas, atuam em uma rede, na qual o que existe verdadeiramente é a inter relação contínua entre todos os atores e todas as instituições com a sociedade global, tecendo fios que se entrelaçam nas interações, mutuamente sendo afetados e afetando, em maior ou menor grau, uns aos outros.

A gestão escolar é entendida como uma forma de envolvimento dos funcionários de uma organização (instituição) na tomada de decisões, analisando situações, resolvendo problemas estruturais existentes e decidindo sobre o seu encaminhamento e agindo sobre eles em conjunto. Trabalhar em um clima participativo provoca a melhoria do comportamento que, conseqüentemente, reduz a resistência a mudanças, ao mesmo tempo em que aumenta a motivação do funcionário por meio da satisfação de expectativas mais altas. Em uma análise de dados de vários campos de atuação humana foi identificado que a “participação provoca um efeito tanto na satisfação como na produtividade” (FOUCAMBERT, (1994:52). Estas descobertas estão colocadas no campo da psicologia social.

As descobertas provenientes de estudos extremamente consistente, mostra que a eficácia escolar em países desenvolvidos, identificaram algumas características administrativas que são positivamente associadas às escolas eficazes. As experiências observadas em todo o mundo, com relação á gestão escolar democrática, sugerem que a essência da abordagem participativa e dos seus conceitos balizadores residem no fato de os dirigentes de escolas serem profissionais capazes de trabalharem para construir a escola. Onde quer que haja um forte sentimento de se sentir parte de uma comunidade, observa-se melhoria mensurável nos resultados e comportamento dos alunos.

A comunidade participa ou pode participar da gestão democrática sendo influenciada e motivada por um senso maior de propósito e as frases sobre conceitos e valores podem direcionar este esforço, onde.

“Preparar a comunidade escolar para a gestão democrática é a essência da transformação do sistema do ensino”. (GADOTTI (1995:98)

Ainda afirma: (GADOTTI (1995:101)

“Formar a consciência crítica do cidadão para que reconheça que a solução dos seus problemas depende de sua participação”. O elo entre a família e a sociedade é a escola, que por isso é colocada como prolongamento da família, sendo a passagem da vida na cultura domestica para cultura da vida coletiva”.

As maneiras encontradas são muitas, os pais por terem pouco estudo não querem interagir na tomada de decisões, outras vezes chegam, mas somente para ouvirem as decisões que já estão prontas e acabadas, restando-lhes apenas assinar em baixo, por não terem coragem de enfrentar os lideres escolares, outras pessoas sempre encontram uma desculpa para não participar das reuniões alegando o horário de serviço.

Segundo a L. D. B. no art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: Inciso I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola. Inciso II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Art. 15. Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares publicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia

pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observados as normas de direito financeiro público.

Os estilos de liderança podem ser: diretivo, quando os líderes tendem a funcionar de maneira autônoma, tomam decisões sozinhos e dão instruções específicas sobre o que fazer e como executar determinadas tarefas.

Motivar a equipe da escola estabelecendo na escola um sentido comum, de cumplicidade, de família, no desenvolvimento dos objetivos educacionais, criar oportunidades para freqüentes trocas de idéias, de inovações e criação conjunta no trabalho, orientar as ações pedagógicas, e promover a aprendizagem dos alunos e desenvolvimento profissional do professor e dar visibilidade e transparência às ações e seus resultados. Pois a motivação é a parte central de um ambiente de trabalho com qualidade, a qual os professores não podem ensinar efetivamente, os alunos não podem aprender e nem as escolas podem ser plenamente eficazes.

Quando o líder for capaz de não se importar com os problemas, conflitos uns nos outros e tentando resolver os problemas juntos em equipe, até porque isso contribui para uma atitude de se sentir capaz e livre para fazer as coisas. Uma atitude dos dirigentes que se espalha em um novo entusiasmo entre os professores. A liderança participativa é uma estratégia empregada ao aperfeiçoamento na qualidade educacional. Pois torna-se a chave fundamental para liberar riqueza do ser humano que esta presa dentro do sistema de ensino.

Um gestor deve ser um líder eficaz, avaliado em pesquisas feitas com alunos e apontado por dirigentes educacionais, ser capaz de empregar uma serie de habilidades de liderança. Esse líder deve ser capaz de utilizar o estilo de administração participativa para envolver os outro no processo de mudança da escola.

A avaliação Institucional tem duas correntes de pensamento em educação. A primeira é chamada de meritocrática ou para controle, esta voltada para identificar mérito de quem sabe mais, e desempenha melhor ou tem melhores resultados, visa classificar, comparar e destacar mérito. A segunda corrente considera a avaliação como instrumento para transformação e aperfeiçoamento, considera Avaliação Institucional como um instrumento para a melhoria da

educação. É usada para identificar dificuldades e sucessos, para construir a qualidade de democratização da escola, com impacto positivo no processo de transformação social.

Partindo da perspectiva que a escola deve trabalhar valores e condutas em sala de aula, o tema Ética traz a proposta de que a escola realize um trabalho que possibilite o desenvolvimento da autonomia moral, condição para a reflexão ética.

Para isso foram eleitos eixos do trabalho quatro blocos de conteúdos: Respeito Mútuo, Justiça, Dialogo e Solidariedade, valores referenciados no princípio da dignidade do ser humano, um dos fundamentos da Constituição brasileira.

Se administrar é utilizar racionalmente os recursos para a realização de fins determinados, administrar a escola exige a permanente impregnação de seus fins pedagógicos na forma de alcançá-los. Tais objetivos têm a ver com a própria construção da humanidade do educando, na medida em que é pela educação que o ser humano atualiza-se enquanto sujeito histórico, em termos de saber produzido pelo homem em sua progressiva diferenciação do restante da natureza.

Pensar na construção de escolas democráticas que almejem a cidadania e a construção de personalidades autônomas, e de maneira coerente com os pressupostos da complexidade abordados no primeiro tópico, nos leva a buscar compreender alguns dos diversos fatores que interferem nesse processo dentro do cotidiano escolar. A identificação desses fatores, no entanto, não significa uma tentativa reducionista de interpretar a realidade e sim representa os resultados advindos de uma experiência ativa no cotidiano de escolas que procuram incrementar seu processo de democratização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual contexto educacional, percebe-se uma grande mudança na forma de desenvolver a prática de leitura nas escolas. Vê-se que muitas mudanças já ocorreram e que o ato de ler é concebido como um processo dinâmico e de construção de conhecimentos.

A escola vem se firmando como espaço para a aprendizagem e o desenvolvimento da leitura, já que é nela que se dá o encontro decisivo da criança com a leitura. Para muitas crianças de nosso país, a escola é o único lugar onde há livros, ou na sala de aula é o lugar onde os alunos são estimulados a ler, haja visto que muitas crianças por fatores familiares, econômicos ou culturais não ter oportunidade de ter um livro nas mãos para ler.

Considerando o processo de leitura ser dinâmico, percebe-se que as aulas de leitura devem ocupar um espaço prazeroso. Nesse sentido é importantíssimo o papel do professor, não só como mediador entre o aluno e a leitura, mas como um leitor competente que gosta de ler e que sabe da importância da leitura.

Sabe-se que para desenvolver o gosto pela leitura é importante destacar: que a escola deve dispor de uma boa biblioteca, de um acervo em classe com livros e outros materiais de leitura; organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que o ato de ler possui. É fundamental para o

aluno ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista de novos conhecimentos por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz, pode despertar o desejo de fazer também.

Nota-se que um bom leitor precisa compreender o que lê, devendo perceber a relação entre texto e o contexto, interpretar e descobrir os elementos implícitos, construindo um significado a partir do texto, mesmo antes de lê-lo.

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo que o leitor consegue construir o sentido do texto.

Nesse sentido é possível afirmar que um mesmo texto pode supor várias leituras. Uma abordagem de leitura pode apresentar uma série de possibilidades de exploração, respeitando as características peculiares de cada texto.

Diante do exposto percebe-se que as crianças precisam, sobretudo compreender a função social da leitura, fato este que decorre das diversas experiências de leituras, É importante considerar que a leitura oral procura ressaltar a expressividade do texto, o ritmo, a entonação, a fluência, a pontuação e as características que lhe são peculiares.

No momento em que o aluno lê e reflete sobre o que leu, torna-se mais fácil à compreensão e expressão e verbal dessa leitura, daí a importância da colocação pelo professor nas aulas de temas enriquecedores que favorecerão o diálogo. As opiniões de cada aluno devem ser respeitadas, desde que bem fundamentadas e, principalmente, que haja troca de idéias entre os educandos e professor. Enfim, espera-se que o trabalho de leitura na escola ocupe um espaço amplo, sendo indispensável conceber que ler é perceber, sentir, entender, compreender, emocionar-se, sensibilizar-se com esse mundo que se desvela diante de nós

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Spicione, 1997.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1992

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – 1º e 2º ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1997

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 2003.

FERREIRO, E., TEBEROSKY, A. e PALÁCIO, M. O. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FOUCAMBERT, J. **Por uma política de leiturização... De 2 a 12 anos**. L 'école liberatrice, 1994.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. **A importância do ato de ler.** 23^a ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GADOTTI, Moacir. **Escola vivida, escola projetada.** Campinas: Papyrus, 1995.

GALLART, C, Pérez. **O prazer de ler.** Revista Latino Americana de Lectura. Lectura Y vida, Bueno Aires (argentina), 1995

GERALDI, 1. W. (org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção.** Cascavel: Assoeste, 1984.

LAJOLO, M. **O texto não é pretexto.** Em: ZILBERMAN, R. (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

LANDRONI, Laura & Luiz Raul Machado. **A criança e o livro.** Campinas: Pontes, 1997

LDB, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Lei nº 9.394, de 1996

LUCKESI, C.C. Avaliação da aprendizagem escolar. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KATO, M. (org.). **A concepção da escrita pelas crianças.** Campinas: Pontes, 1988.

KI.EIMAN, Angela. **Texto e leitor.** Campinas: Pontes, Unicamp, 1989.

_____. **Oficina de leitura.** Campinas: Pontes, Unicamp. 2000

_____. **Leitura, ensino e pesquisa.** Campinas: Pontes, 1989.

MOTA, C.G. **Brasil em perspectiva.** 16. ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1994.

NILDELCOFF, Maria Tereza. **Uma escola para o povo.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

PAIN Sara. **Diagnostico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre, Artes Médicas,1985.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SALTO para o Futuro: TV, NA EDUCAÇÃO / SECRETARIA DA SANTOS, M.L. **A expressão livre no aprendizado da língua portuguesa.** São Paulo: Scipione, 1993.

SMITH, Frank. **Ensinando a comunicação na língua portuguesa no primeiro grau.** Sugestões metodológicas.São Paulo: Ática. 1989.

SMOLKA Ana Luiza Bustamante. Apresentação. In: FONTANA, Roseli C. **Mediação pedagógica na sala de aula.** Campinas: Autores Associados, 1989